



PAT Programa Assistência Técnica 2030

2.º Relatório do Desenvolvimento & Coesão Territorial

Síntese dos principais resultados (2016–2023)



Cofinanciado pela
União Europeia

2.º Relatório do Desenvolvimento & Coesão Territorial

1. Convergência económica nacional e regional (2016–2023)
2. Evolução da produtividade nacional e regional
3. Enquadramento em armadilhas: rendimento médio, desenvolvimento regional e talento
4. Desafios estatísticos e implicações de alargamentos da UE
5. Conclusões



1. Convergência nacional na UE (2016–2023)

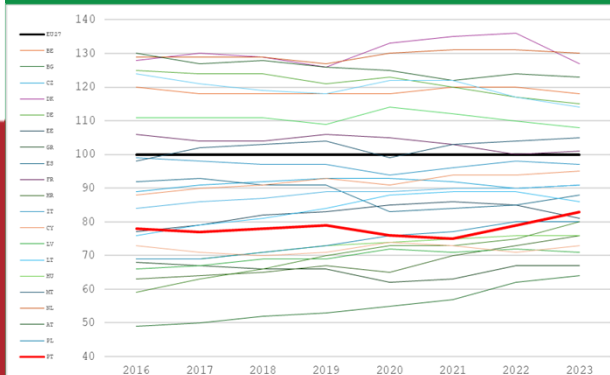
PAT Programa
Assistência Técnica 2030

PORTUGAL 2030



Cofinanciado pela
União Europeia

PIB per capita em PPC, em % da média da UE27 (UE27=100)



Disparidade entre países permanece elevada, mas diminui entre 2016 e 2023 (convergência generalizada).

Portugal acompanha o movimento de convergência (ganho relativo face à média europeia).

Agrupamento por nível inicial (2012) e crescimento até 2023.



Portugal: subida de 7 p.p. face à média UE (76% em 2012 → 83% em 2023).



Lituânia: 71% → 86% (+15 p.p.), ultrapassa Portugal no PIBpc (PPC).



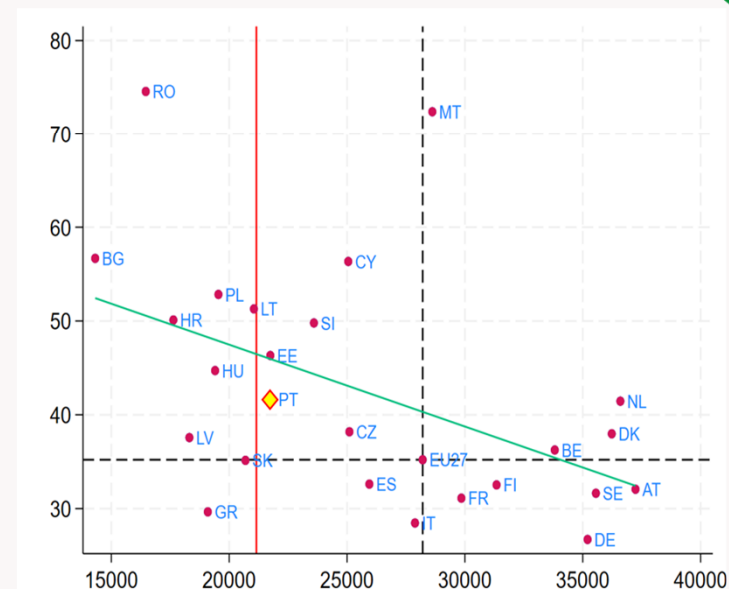
Em muitos países acima de 100% (2012), observa-se convergência “para baixo” (aproximação à média) — exceção assinalada: Dinamarca.

Evidência e posição de Portugal

Portugal está no grupo de países abaixo da média em 2016 que crescem acima da média (convergência positiva).

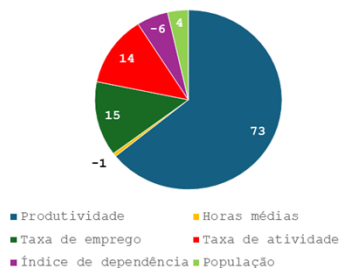
Mas Portugal fica abaixo da linha estimada: crescimento observado

Grécia, Espanha e Itália: abaixo da média em 2016 e com crescimento abaixo da média da UE (divergência negativa).



+ PIBpc (PPC) em 2016 vs. crescimento total 2016–2023 (quadrantes, limiar 75% e linha de regressão).

2. Decomposição do crescimento do PIB (Portugal, 2017-2023)



Leitura “em filtros”: População → população em idade ativa → taxa de atividade → taxa de emprego → horas trabalhadas → produto por hora (produtividade).



Produtividade (produto por hora): principal motor do crescimento (73% do total). Taxa de emprego: 15% | Taxa de atividade: 14% | População: 4%.



Horas médias trabalhadas: contributo -1% | Índice de dependência: contributo -6% (envelhecimento).

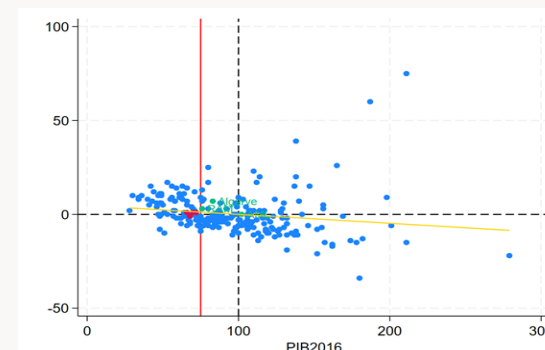
Convergência regional (Portugal e UE): principais factos

AML: região mais rica; acima da média UE na maior parte do período (mínimo 96% em 2020–2021, crise COVID).

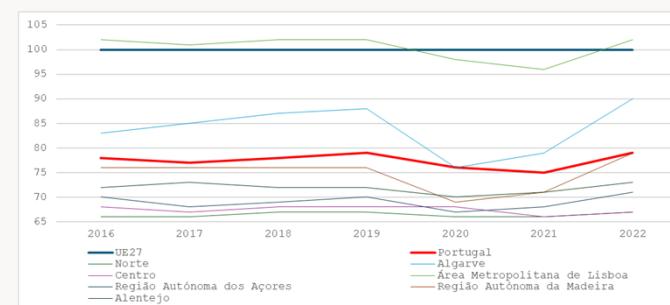
Algarve: trajetória de convergência com a média (quebra acentuada em 2020–2021, maior exposição ao turismo).

Centro: única região portuguesa com divergência negativa (68% em 2016 → 67% no final do período).

Madeira e Algarve acima da linha de regressão; AML em linha; restantes NUTS II portuguesas abaixo e <75% (potenciais beneficiárias de fundos estruturais).



+ NUTS II: nível inicial (2016) vs. crescimento em p.p. (2016–2023), com linha 75% e regressão.



+ Evolução do PIBpc (PPC) das NUTS II portuguesas em % da média UE27, 2016–2022.

PAT 2030
Programa
Assistência Técnica

PORTUGAL
2030

 **Cofinanciado pela
União Europeia**



2. Evolução da produtividade nacional e regional

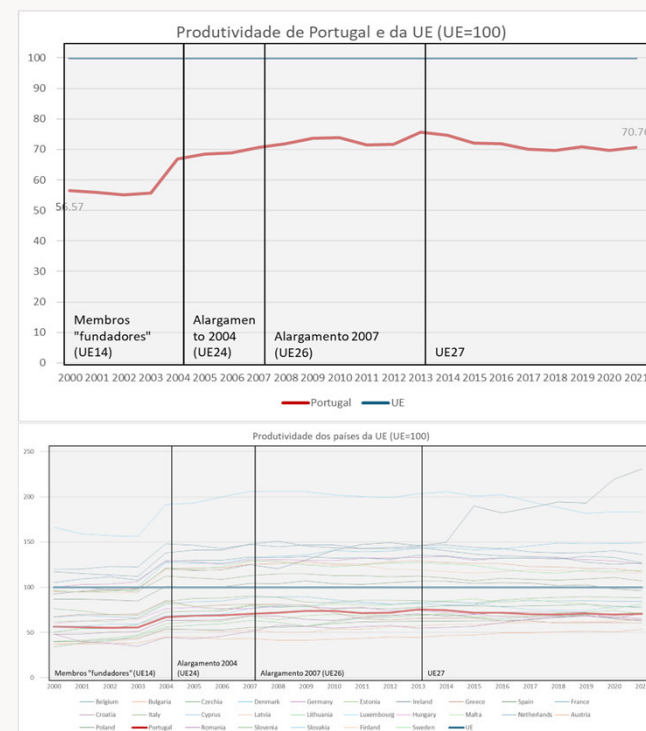
Produtividade: definição e evolução

Valor Acrescentado Bruto (real) por hora trabalhada.

Pode aumentar por:

- mais produção para o mesmo número de horas, ou
- mesma produção com menos horas.

Convergência ligeira até 2005; após 2005, estagnação relativa face à UE27 (2000–2021).

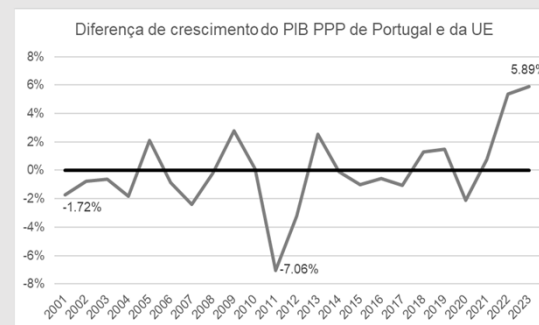
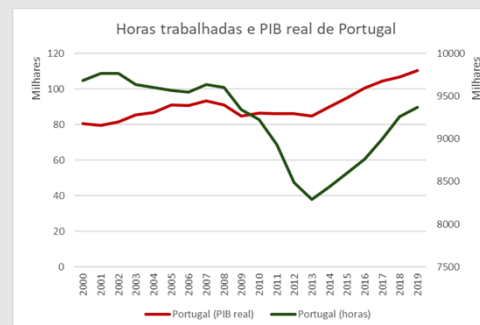
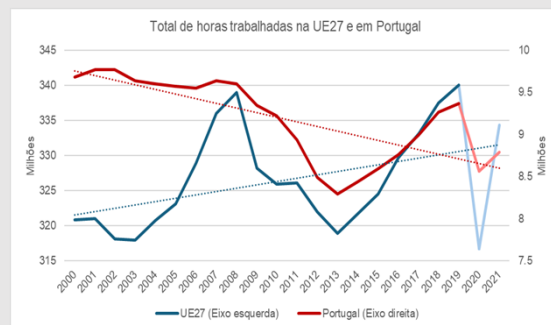


+ Evolução da produtividade real: Portugal vs. UE (em % da média).



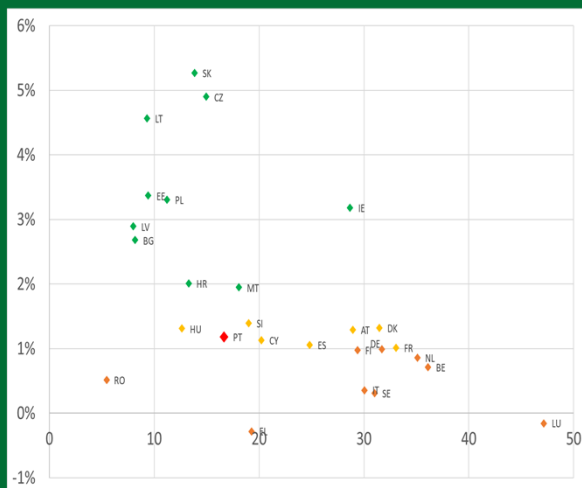
Horas trabalhadas e leitura do desempenho agregado

- Tendências opostas (2000–2019): Portugal –9,24% vs. UE27 +4,21% (horas trabalhadas).
- Excluindo 2020–2021: Portugal –3,24% vs. UE27 +5,98%.
- Portugal cresce, na maioria dos anos, abaixo do ritmo da UE; anos “acima” são mais ligeiros do que os anos “abaixo”.
- A queda de horas pode “elevar” o rácio PIB/hora sem corresponder a um dinamismo do PIB comparável ao europeu.



Horas trabalhadas (PT vs UE), horas vs PIB (PT) e diferença de crescimento do PIB (PT-UE).

Produtividade na UE: quem converge mais rápido?



Crescimento médio anual da produtividade (2000-2019) vs. nível inicial (2000), países UE.



Europa de Leste com maior crescimento médio anual (2000-2019): Lituânia 4,56%, Estónia 3,36%, Polónia 3,30%.

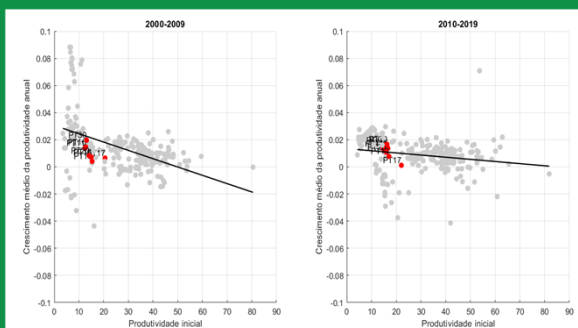


Padrão compatível com o modelo de Solow: países com produtividade inicial mais baixa tendem a crescer mais depressa.



Portugal: crescimento médio anual 1,18% (UE27: 1,19%) → em linha no agregado, mas com fraca aceleração relativa.

Convergência mais fraca após 2010



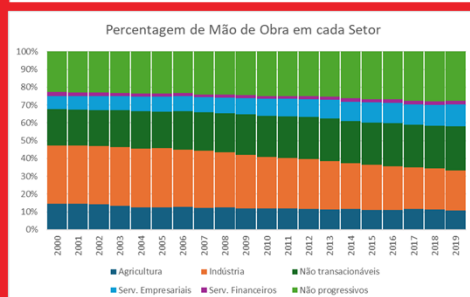
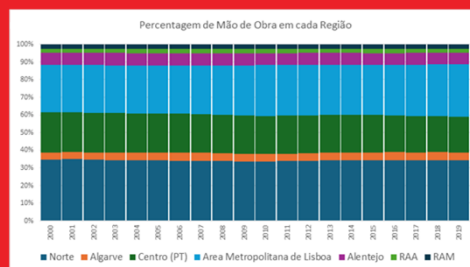
NUTS II UE: crescimento médio anual vs produtividade inicial (2000–2009 e 2010–2019).

**NUTS II (2000–2009 vs. 2010–2019):
relação negativa “inicial vs crescimento”
mantém-se, mas com menor inclinação no
pós-2010.**

**Regiões portuguesas: combinam níveis
iniciais relativamente baixos com
crescimento médio anual baixo.**

**Sugere persistência de constrangimentos
estruturais e menor “catch-up” regional.**

Especialização e transformação estrutural



Distribuição regional do emprego e emprego por setor (NACE agregada).



Mudança setorial marcada: saída da indústria e expansão de serviços.



Indústria (incl. construção/extrativas): ~40% de trabalhadores.



Crescimentos: serviços empresariais +26,35% | comércio e retalho +66,70%.



Setores não-progressivos continuam a absorver ~1/4 da mão de obra; (serviços empresariais + comércio/retalho) $\approx 40,5\%$ → no total, ~67,31% do emprego em três blocos.



AML concentra serviços financeiros; Norte mantém maior peso industrial; elevada alocação a alojamento/restauração contribui para o diferencial de produtividade.

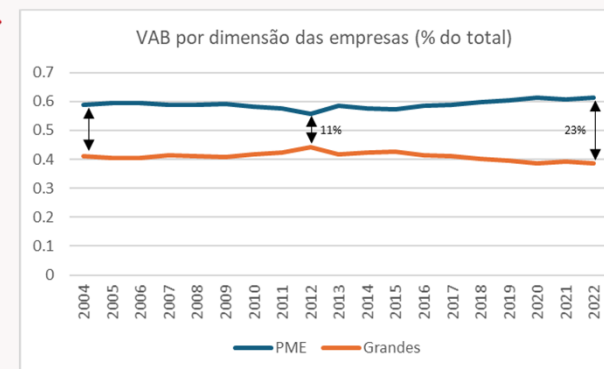
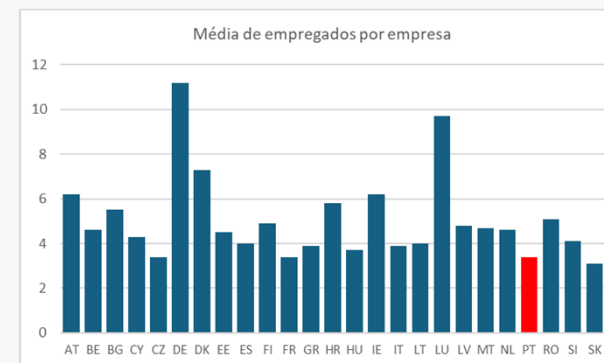
Dinâmica empresarial: muitas microempresas, poucas grandes

Microempresas: 42,43% dos
trabalhadores; micro+pequenas: 61,72%
($\approx 2/3$ do emprego).

Elevada percentagem de empresas sem
trabalhadores (21,2% em 2021); grandes
empresas são raras (só a Grécia tem menos).

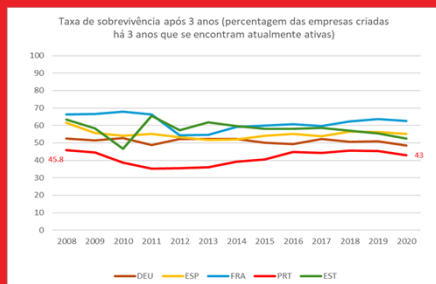
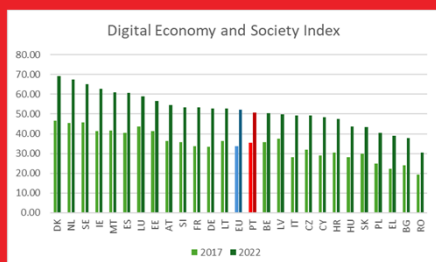
Grandes empresas: peso no VAB cai de
41,03% (2004) para 38,66% (2022).

Nascimentos de empresas: 179.293 (2008) $\rightarrow$
231.065 (2022) (+28,88%); forte
concentração na AML e Norte.



+ Trabalhadores por tipo de empresa e VAB por PME vs
grandes empresas.

Inovação, digitalização e investimento: sinais mistos



Digital Economy and Society Index e Sobrevivência de empresas.

Patentes: +459% (132 em 2000 → 738 em 2022).

Digitalização (DESI): Portugal 50,76 vs UE 52,28 (ficou ligeiramente atrás).

Adoção de IA nas empresas (índice, 2023): Portugal 17,3 vs UE 7,9; Big Data: Portugal 10,6 vs UE 14,2.

Inovação: atividades de inovação de processos aumentam (46,6% em 2014–2016); Índice Global de Inovação: 17.º na UE, 31.º no mundo.

Setores TIC e I&D: poucas empresas ativas; baixa sobrevivência após 3 anos.

Investimento público ainda não regressou aos níveis pré-crise: em 2023, semelhante a 2012; stock de capital estagnou na década 2010.

Políticas económicas com impacto na produtividade



Fiscalidade, incentivos e inovação

- IRC influencia investimento e atração/fixação de empresas (efeitos nacionais e regionais).
- Perda de competitividade fiscal num contexto europeu de redução do IRC; em PT há taxa estatutária elevada, alterações frequentes e progressividade (derrama) concentrada em poucas grandes empresas.
- Incerteza sobre a trajetória futura do IRC penaliza investimento (talvez mais do que o nível da taxa).
- R&D aumenta produtividade (evidência internacional); em Portugal, SIFIDE como principal incentivo fiscal à I&D empresarial.
- A nível UE, Horizonte Europa financia investigação e inovação (excelência científica; desafios globais/competitividade; Europa inovadora).



Fundos, regulação, infraestruturas e transição verde

- Fundos UE como alavanca: Portugal 2020 (~€25 mil M); FEDER (infraestruturas, inovação, digital) e FSE (qualificação e inclusão).
- Cooperação territorial: INTERREG / EuroRegiões (projetos transfronteiriços).
- PRR pós-COVID: foco em transição energética, mobilidade sustentável e digitalização (resiliência e modernização).
- Regulação excessiva/fragmentada aumenta custos e burocracia, sobretudo para PME; prioridade a simplificação, harmonização e medição do custo regulatório (Draghi, 2024).
- Infraestruturas e clima: investimento (ex.: Programa 200M, Porto de Sines) e enquadramento Green Deal/Lei do Clima + PNEC 2030 para eficiência e inovação verde.



3. Enquadramento em armadilhas: rendimento médio, desenvolvimento regional e talento

PAT Programa
Assistência Técnica 2030

PORTUGAL
2030



Cofinanciado pela
União Europeia

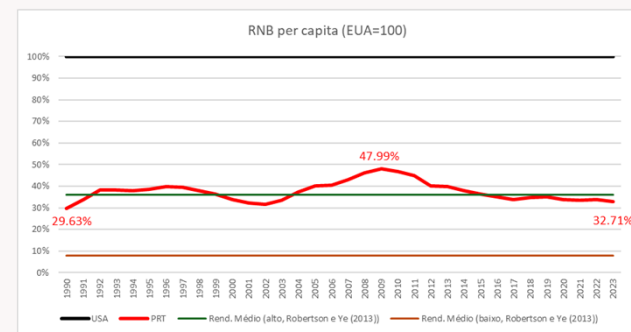
Armadilha do rendimento médio

Definição: dificuldade em transitar de rendimentos médios para elevados após um período de convergência

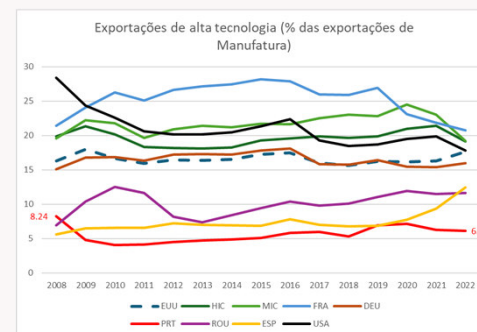
Portugal ultrapassou a barreira de “rendimentos baixos”, mas a transição para rendimentos elevados exige: inovação, investimento e adoção/adaptação tecnológica.

Fragilidades: poucas empresas em TIC e I&D, participação limitada em cadeias de valor globais e reduzido número de investigadores.

Risco adicional: má alocação de mão de obra para setores menos produtivos limita ganhos sustentados de produtividade.



+ Rendimento nacional bruto per capita



+ Exportações de alta tecnologia

Políticas económicas com impacto na produtividade



Armadilha do desenvolvimento regional

- Definição: incapacidade de algumas regiões manterem dinamismo sustentado (rendimento, produtividade, emprego).
- Fatores típicos: baixo investimento, perda de jovens, dependência de setores públicos não-transacionáveis.
- Em Portugal, riscos mais visíveis em regiões como Alentejo e Regiões Autónomas.
- 2011–2016 agrava a exposição; Norte melhora; Algarve e AML aumentam exposição.

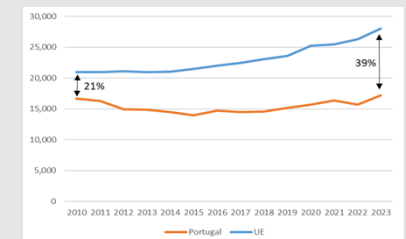


Evolução do índice de armadilha nas NUTS II portuguesas de 1990 a 2023. O mapa de calor apresenta uma escala que varia de branco (índice = 0) a vermelho (índice = 1).



Armadilha do talento

- Regiões envelhecidas + baixa oferta de qualificados → menor produtividade e inovação.
- Portugal melhora educação, mas tem dificuldade em absorver graduados em empregos qualificados (TIC/I&D).
- Fuga de cérebros: ~30% dos jovens com ensino superior emigram.
- Salários médios não acompanham o aumento de qualificações → desajuste entre capital humano e oportunidades.



Salário mediano da população com ensino superior em Portugal e na média da União Europeia em Euros. Valores ajustados para a inflação.



4. Desafios estatísticos na avaliação da convergência europeia

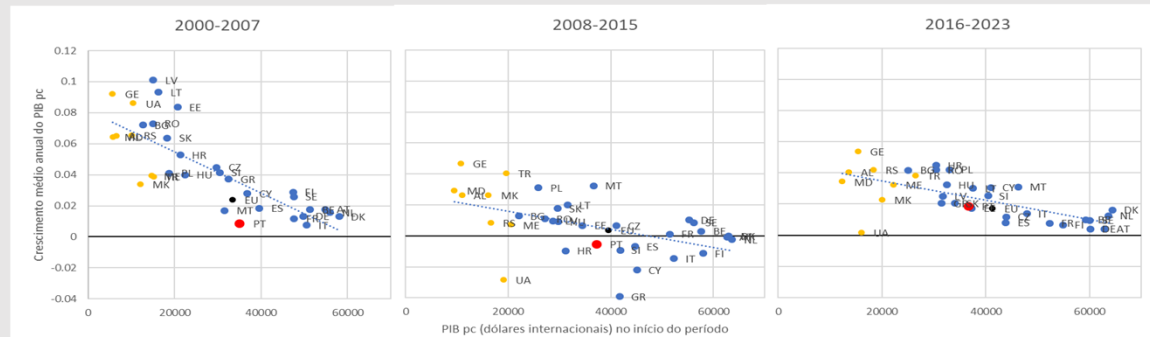


Impacto nas análises e no
enquadramento de políticas



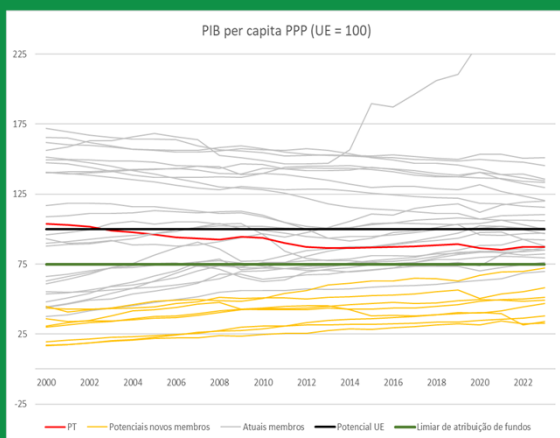
Alargamento da UE

- Entrada de países com PIBpc inferior pode baixar a média UE e distorcer comparações históricas e critérios de elegibilidade a fundos.
- A médio/longo prazo, o alargamento pode deslocar prioridades de coesão e exigir revisão de critérios de financiamento.
- Análises “robustas” focadas na relação nível inicial→crescimento mantêm conclusões key: padrão de convergência consistente.
- Três fases ilustrativas: 2000–2007 (forte crescimento), 2008–2015 (desaceleração/crises), período recente (recuperação limitada).



Relação entre o crescimento médio anual do Produto Interno Bruto per capita (eixo Y) e o Produto Interno Bruto per capita no primeiro ano de cada período em análise (2000-2007 no painel da esquerda, 2008-2015 no painel do meio e 2016-2023 no painel da direita) num cenário hipotético de alargamento da União Europeia a Albânia, Geórgia, Macedónia do Norte, Moldávia, Montenegro, Sérvia, Turquia e Ucrânia. Estes países são representados pelos pontos amarelos, Portugal pelo ponto vermelho, os restantes atuais membros da União Europeia a azul e a média Europeia neste cenário hipotético pelo ponto preto. Para efeitos visuais a Irlanda e o Luxemburgo foram removidos dos cálculos.

Alargamento hipotético



Produto Interno Bruto per capita dos países da União Europeia em percentagem da média Europeia num cenário hipotético de alargamento da União Europeia a Albânia, Geórgia, Macedónia do Norte, Moldávia, Montenegro, Sérvia, Turquia e Ucrânia. Estes países são representados pelas linhas amarelas, Portugal pela linha vermelha e os atuais membros da União Europeia pelas linhas cinza. A linha preta representa a média Europeia neste cenário hipotético e a linha verde o limiar de atribuição de fundos (75% da média Europeia).

A convergência medida depende da métrica: PIBpc (PPC), produtividade, emprego, horas trabalhadas, etc.

Comparações são sensíveis a: preços/PPP, composição setorial, choques temporários (ex. pandemia) e escolha do período.

Médias do bloco são “alvos móveis” e podem ocultar heterogeneidade (nacional vs regional).

Boas práticas: usar múltiplos indicadores, produzir análises de robustez e separar convergência absoluta vs condicional.

Conclusões & Mensagens-chave

- Portugal converge, mas abaixo do “esperado” na convergência condicional: há margem clara para acelerar.
- Produtividade é o motor recente do crescimento, mas a estrutura setorial (serviços pouco progressivos) limita ganhos sustentados.
- Disparidades regionais persistem: AML e Algarve destacam-se; várias regiões continuam abaixo de 75% da média UE e com crescimento aquém.
- Tecido empresarial muito fragmentado: muitas microempresas, poucas grandes; investimento público e stock de capital ainda condicionados.
- Prioridades: estabilidade e competitividade fiscal, simplificação regulatória, aposta em inovação (TIC/I&D), execução eficaz de fundos e políticas adaptadas por região.